

UM ESTUDO TEÓRICO SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS PARA O TRABALHO DO PSICOPEDAGOGO

A THEORETICAL STUDY ON THE IMPORTANCE OF LUDIC ACTIVITIES FOR WORK PSYCHOPEDAGOGISTS

Edneia Dothling Linhares

CEULP/ULBRA

Elda Santos Milhomem

CEULP/ULBRA

Nerci Maria Rezende Carvalho

ITOP

Resumo: O presente artigo objetiva compreender como a ludoterapia poderá contribuir na intervenção psicopedagógica, observando as transformações geradas no indivíduo através do lúdico, possibilitando uma construção de forma diferente, uma vez que a compreensão dessas mudanças é fundamental para a Psicopedagogia. Buscou-se compreender a obtenção e a exposição da ludoterapia no contexto ensino-aprendizagem de modo a tornar clara a importância da Psicopedagogia bem como a demanda no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, dá-se ênfase às suas bases teóricas e ressalta-se a ludoterapia como instrumento e técnicas aplicadas no ambiente escolar de forma que a aprendizagem se torne prazerosa e penetrante, estimulando a criança, através do entretenimento, a desenvolver autonomia, criatividade e espontaneidade.

Palavras-Chave: Ludoterapia. Ensino-Aprendizagem. Psicopedagogia.

Abstract: This article aims to understand how play therapy can contribute to the pedagogical intervention, observing the changes generated in the individual through play, allowing a building differently, whose understanding of these changes is critical to educational psychology. He sought to understand the acquisition and exhibition of play therapy in the context of teaching and learning in order to show the importance of psychoeducation and demand in the teaching-learning process to emphasize the theoretical basis of Educational Psychology, and highlighting the play therapy as a tool and techniques applied in school environment so that learning becomes enjoyable and penetrating, stimulating the child through entertainment to develop autonomy, creativity and spontaneity.

Keywords: Play therapy. Teaching and Learning. Educational Psychology.

Introdução

A proposta de realizar um estudo sobre o uso da Ludoterapia em intervenções psicopedagógicas é proporcionar aos profissionais da área, o aprimoramento das habilidades para exercer as técnicas e a utilizar instrumentos com mais conhecimento para, posteriormente, aplicá-los no contexto escolar nos processos de ensino-aprendizagem. A ideia é ressaltar a diversidade de recursos para que os profissionais possam criar meios e estratégias que possibilitem a aprendizagem, visto que, ela exige mudança de comportamento que só é possível com a mediação dos educadores os quais facilitam a construção de novos conhecimentos.

Para a concretização deste trabalho, o problema relevante para a pesquisa foi fazer um levantamento de informações sobre a possibilidade de como exercer a prática psicopedagógica aplicada com base na ludoterapia, para melhorar os resultados nas intervenções do processo ensino-aprendizagem.

Portanto, foi verificado que a proposta deste trabalho enfatiza a busca de uma intervenção que potencialize habilidades, minimize fragilidades e que, após sua aplicação, possa ser dada a continuidade de forma autônoma pela equipe multiprofissional da instituição, bem como dos alunos.

O objetivo geral deste artigo é compreender como a ludoterapia poderá contribuir com a Psicopedagogia. Para isso, este estudo busca fazer uma abordagem sobre o tema bem como mostrar a importância da técnica psicoterápica no processo de ensino-aprendizagem visando a destacar suas bases teóricas e a ressaltar o momento lúdico como instrumento e técnicas aplicadas no ambiente escolar de forma que a aprendizagem se torne prazerosa e penetrante, estimulando a

criança através da brincadeira a desenvolver autonomia, criatividade e espontaneidade.

Para realizar este estudo foi preciso primeiro evidenciar e buscar entender o fazer psicopedagógico e seus pressupostos, visando a compreender a escola e o lúdico no processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho procura ainda, identificar as técnicas utilizadas pelo psicopedagogo para aplicação da ludoterapia de modo a compreender sua importância no desenvolvimento biopsicossocial.

Para alcançar os objetivos deste artigo, optou-se por um estudo bibliográfico em livros e artigos para melhor compreensão e identificação das formas e técnicas que poderão ser utilizadas pelos profissionais em psicopedagogia, para atender esta demanda na educação.

Ludoterapia: Conceito e Objetivo

A Ludoterapia é uma técnica que teve seu início na Gestalt Terapia e ajuda projetar pensamentos e sentimentos, revelando ou tornando visível o que está oculto para ela mesma e para o terapeuta. No brincar, a criança consegue expressar em palavras, gestos e atitudes aquilo que antes era desconhecido. Desta forma, como diz Oaklander (1980) ela pode situar-se no complexo de circunstâncias que a cercam. Assim, oportuniza um momento de externar o sentimento e libertar-se daquilo que a faz sofrer. Oaklander (1980) afirma:

Existe um número interminável de técnicas específicas para ajudar as crianças a exprimir sentimentos por intermédio do desenho e da pintura. Independente do que a criança e eu escolhermos fazer em qualquer sessão, o meu propósito básico é o mesmo. [...] ajudar a criança a tomar consciência de si mesma e da sua existência em seu mundo. Cada terapeuta encontrará o seu próprio estilo para conseguir esse delicado equilíbrio entre dirigir e orientar a sessão, de um lado, e acompanhar e seguir a direção da criança, de outro (p.69).

Para Oaklander (1980), em suas experiências clínicas, ao utilizar esse recurso técnico, o terapeuta direciona o sujeito para um momento histórico e um caminho de busca de sentido para reduzir seus anseios e conduzir a um ambiente bem familiar, proporcionando segurança onde possa brincar e atuar livremente como forma de ampliar sua consciência e suas novas possibilidades de existir.

O terapeuta, juntamente com a criança, vai procurar identificar os pontos existenciais, sejam eles: tristeza, medo, angústia, alegria, raiva, amor, autenticidade, espontaneidade, autonomia, responsabilidade e coragem, ampliando a consciência e promovendo a construção da verdade de si em relação à sua ação no mundo. É no momento da terapia, que o profissional identifica o jeito de ser, a forma como atua no ambiente e manipula os objetos, como experimenta o espaço, apropria da sua história, se relaciona com o outro e consigo mesma. (OAKLANDER, 1980).

Breve Histórico da Ludoterapia

Grunspun (1997) aponta que foi Hermine Hug-Hellmuth que publicou um trabalho preliminar sobre ludoterapia em 1913. Anna Freud e Melaine Klein só publicaram seus trabalhos na década de 1920. A técnica usada por Anna Freud era deixar as crianças brincarem com o objetivo de conhecer o mundo interno delas para saber interpretar as fantasias e os problemas existentes. O seu trabalho era realizado com psicoterapia voltado para orientação dos pais, porque entendia que as suas atitudes influenciavam o comportamento dos filhos.

O trabalho de Melaine Klein era divergente uma vez que interpretava imediatamente o tipo de brinquedo para alcançar o mundo interior do sujeito, mas descartava, por completo, a orientação e o conhecimento dos pais, e sua técnica era desenvolvida de forma que o profissional utilizasse a linguagem da criança. Sua formação era de cunho psicanalítico, cujas interpretações eram embasadas na Psicanálise.

Segundo Grunspun (1997 p.17), o poeta Schiller teve sua colaboração para a valorização da ludoterapia, "no século XVIII, autor da *Ode da alegria*, aproveitada por Beethoven no coral, da *Nona sinfonia*, foi o primeiro a valorizar a importância do jogo para a vida. Ele considera que o homem

só é completo quando é capaz de jogar”. O jogo para ele se torna revelador podendo demonstrar a competitividade, retraimento, ousadia entre outras características.

Segundo Grunspun (1997), o psicanalista Hans Zulliger publicou seu trabalho em 1950 o “jogo puro”, que promovia a cura por meio da compreensão do que estava acontecendo sem interpretações e cuja orientação era realizada posteriormente. A pediatra Margaret Lowenfeld introduziu na ludoterapia, em 1935, brinquedos em miniaturas colocados numa caixa individualizada com areia sobre a mesa para brincar e água, caso precisasse.

A areia, água e miniaturas ainda são usadas por psicanalistas em atendimentos nas clínicas. Outro psicanalista, Alfred Adler, usava no atendimento clínico infantil o desenho e a pintura como técnica projetiva para evocar os conteúdos ocultos.

A ludoterapia Livre e Situacional se difundiram com a escola de Rogers iniciando em 1951 com Dorfman. A psicoterapia infantil em grupos foi iniciada por Moreno na década de 1920 com o psicodrama.

Tipos de Ludoterapia

A ludoterapia pode ser feita individual ou em grupo. Individualmente pode ser trabalhada com diversos tipos de exercícios como: desenho livre, argila, jogos, caixa de areia dentre muitos outros de acordo com a criatividade do terapeuta. Exemplo de ludoterapia individual conforme aponta Oaklander (1980):

Lisa, de treze anos, vivia num lar adotivo e nunca visitava seus verdadeiros pais. Seu comportamento era caracterizado “pré-delinquente”. Pedi-lhe que montasse na areia cena que quisesse. Ela trabalhou intensamente, criando um deserto com poucos arbustos, um coelho, uma cobra, uma menina parada num morro. Lisa não quis contar uma história; simplesmente descreveu sua cena. Mostrou-se disposta a identificar-se com a cena. Em todos os casos descreveu a sua existência com tristeza, desolação. Quando indagada sobre a semelhança da cena com a sua vida, Lisa começou a contar sua história, sua solidão. Sendo capaz de expressar esses sentimentos em nossas sessões, seu comportamento de externalização foi gradualmente decrescente (p. 192, 193).

Sobre a ludoterapia grupal (OAKLANDER 1980 p. 197), o terapeuta orienta nas sessões “dividir o grupo em pares ou trios, dando um jogo diferente a cada grupinho. Depois de algum tempo, os grupinhos mudam de jogo e mais tarde os parceiros podem também ser trocados”. Os jogos poderão ser dama, xadrez, jogo-da-velha, dominó, bola de gude entre outros onde a criança também poderá sugerir. Segundo Oaklander, o trabalho em grupo é o momento fantástico para interação social, principalmente, para pessoas muito tímidas e retraídas.

As agregações de ludoterapia grupal devem ser experiências prazerosas. A sessão passa a ser satisfatória desde que cada um sintam-se livre para revelar suas emoções, ideias e opiniões obtendo o apoio do terapeuta e dos outros participantes também. Desta forma, certamente, ela se tornará mais forte dentro de si mesma.

Nos primeiros agrupamentos, é típico elas falarem pouco, mas depois das primeiras reuniões, começam a se sentirem mais à vontade consigo mesmas e com as outras companhias, tornando assim visível a importância e a integralidade do processo terapêutico do grupo.

Técnicas, recursos, materiais e planejamentos que podem ser utilizados

Para Oaklander (1980), o trabalho com crianças, geralmente é estruturado, pois, na maioria das vezes, nos casos de terapia em grupo, inicia-se com uma roda de conversa em que cada um tem a oportunidade de falar sobre qualquer coisa que lhe aconteceu desde o último encontro ou sobre o que está sentindo no momento.

Existem diversas técnicas e materiais utilizados na ludoterapia e cada um deles pode ser

usado para diferentes situações; “[...] cada um propõe uma interação diferente com o cliente permitindo que aspectos diferentes de sua psique sejam “tocados”. (MEDEIROS, 2010, p.16).

Nem sempre, no primeiro momento, falam facilmente sobre seus sentimentos. É necessária a criação do vínculo, a utilização das técnicas projetivas, podendo se expressar também por meio das brincadeiras com bonecas, carrinhos, desenhos, pinturas, fazer colagens e manipular argila.

Nos casos em que se expressa raiva em sua queixa, por exemplo, é indicado “além de dar socos numa almofada: rasgar jornal, amassar papel, chutar almofadas, chutar uma lata, correr em volta do quarteirão [...]” (OAKLANDER 1980, p. 237). Já nas queixas de hiperatividade, ressalta a importância da exploração e foco dos sentidos e também materiais que acalmam e tranquilizam como a água, argila, areia e a pintura com as mãos. Em síntese, os sentimentos sejam negativos ou positivos, são externados, através da conversa, do desenho, da encenação, dramatização, dos jogos e do brincar.

Indicação e Preparação

Atualmente a Ludoterapia tem sido indicada por pediatras e pela escola quando o aluno apresenta algum tipo de distúrbio psicológico, vivência de algum trauma emocional, dificuldades de aprendizagem, relacionamentos, insônia, pesadelos, agressividade, timidez em excesso, ansiedade, gagueira, hiperatividade, manias e tiques, perdas e luto, distúrbios alimentares, distúrbios antissociais etc.

Através da ludoterapia é possível perceber o que incomoda ou o que está errado em seu desenvolvimento cognitivo, social, afetivo ou emocional. Durante os atendimentos a criança interage com brinquedos de forma espontânea, participa de jogos, dramatizações, desenhos e pinturas. Assim elaboram seus medos, fantasias, angústias e vão descobrindo os contornos da sua vida emocional, representando seu mundo interno, até ultrapassar as situações difíceis pelas quais está passando.

Segundo Grunspun (1997), é importante prestar atenção quanto à disposição do material durante a observação e entrevista de modo que:

[...] ao lado direito, material de motricidade, agressivo e de curiosidade intelectual; ao lado esquerdo, material afetivo e construtivo, e ao fundo, material regressivo. Esta disposição facilita a técnica do exame, pois o examinador poderá fazer a criança dirigir-se primeiro à sua direita, e, pelo manuseio daquele material, fará o diagnóstico motor e do desenvolvimento. Poderá observar se ela é destra ou sinistra, se tem boa coordenação motora, habilidade e rapidez de movimentos, se maneja bem os cubos e outros objetos. Posteriormente, o examinador conduz a criança à sua esquerda e elaborará o diagnóstico emocional ou afetivo; finalmente, espera a projeção do material em conjunto, deixando, nesta fase, o livre uso do material regressivo (p.23)

Oaklander (1980, p. 184) destaca que através do entretenimento “a criança experimenta o seu mundo e aprende mais sobre ele”. Brincadeira é coisa séria, é dotada de sentidos e, por meio do lúdico, o sujeito se desenvolve nos aspectos físicos, mental e social. Ainda afirma que o brincar é uma forma de autoterapia que por meio dele elabora confusões, ansiedades e conflitos. Destaca também que serve como linguagem, pois a criança vivencia muitas coisas que ainda é incapaz de expressar verbalmente, desse modo utiliza a brincadeira para formular e assimilar aquilo que experimenta.

Breve Histórico da Psicopedagogia

A preocupação com a dificuldade de aprendizagem surgiu a partir da necessidade do indivíduo em produzir. Assim, os que não produziam dentro dos padrões esperados, passaram a ser foco de investigação, inicialmente, pela medicina. Portanto, a Psicopedagogia tem caráter interdisciplinar por utilizar de outros campos como a Psicologia, Pedagogia e Fonoaudiologia os

conhecimentos teóricos e práticos. O seu campo de atuação ainda não está delimitado e se embasa em vários ramos que se fizer necessário para consolidar sua prática.

Segundo Grassi (2009), apesar de ser uma área relativamente nova no Brasil, existe há cerca de 40 anos, observa-se que a psicopedagogia vem despertando a atenção na área educacional e clínica que, direta ou indiretamente, trabalha com o processo de ensino aprendizagem ou mantém contato com pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem e desejam ter maior compreensão sobre o assunto.

É nessa busca de conhecimentos que muitos profissionais são levados a aprofundar conhecimentos sobre tal demanda. Segundo Grassi (2009), a Psicopedagogia nasceu no final do século XIX, numa época em que aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais passavam por modificações intensas. “Essas mudanças levaram a uma ampliação de rede escolar e crianças que antes não frequentavam a escola passaram a receber ensino formal. As dificuldades apareceram a partir daí, levando muitas a fracassar na instituição escolar” (p. 15). Essa mesma autora destaca que o processo ensino aprendizagem não começa na escola nem é de sua responsabilidade somente, mas envolve a família e as relações sociais que são estabelecidas. A discussão sobre as dificuldades de aprendizagem centrou-se no início, no ambiente escolar com base nos problemas e necessidades da própria escola e da sociedade da qual faz parte.

De acordo com os escritos de Côrtes e Rausch (2009), entre os anos de 1920 e 1928, tentou-se criar o primeiro centro psicopedagógico utilizando os conhecimentos oriundos da Psicologia, da Psicanálise e da Pedagogia, em auxílio às pessoas que tivessem dificuldades de comportamento tanto na escola como na família com o objetivo de obter, na medida do possível, a sua readaptação através de um acompanhamento psicopedagógico, melhorando assim, a convivência com seu meio familiar e escolar.

Através dessa cooperação entre Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, esperava-se adquirir um conhecimento total do sujeito e do seu meio, o que tornaria possível a compreensão do caso.

Assim, a ação reeducadora poderia ser determinada e prevista de acordo com a orientação e a gravidade dos distúrbios da criança. Nessa corrida pelo conhecimento, segundo Côrtes e Rausch (2009), percebe-se que a falta de conhecimento a respeito das dificuldades de aprendizagem fez e ainda faz com que os alunos com dificuldades sejam encaminhados para profissionais das mais diversas áreas de atuação.

A Psicopedagogia é uma área de conhecimento relativamente nova, quando comparada a outras áreas. Entretanto, apesar de sua recente história, não é menos importante, visto que os problemas enfrentados, nos últimos anos, influenciados por vários fatores, como evasão escolar, notas baixas, falta de estímulos, entre outros, são alarmantes. Segundo alguns autores, tudo isso decorre do impacto de mudança de ordem econômica, social, cultural e tecnológica. Nessa perspectiva, entra em cena o psicopedagogo, que visa a auxiliar tanto o discente, quanto o docente nessa árdua e importante tarefa do aprender.

Historicamente, as primeiras iniciativas para atender a essas dificuldades de aprendizagem ou comportamentais ocorreram na França em 1946, onde o atendimento era feito em caráter médico pedagógico por profissionais de Medicina, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia. A expectativa em relação a uma equipe multiprofissional era de compreender a criança e o seu meio a fim de intervir no caso com uma proposta educadora para ser inserida no processo adequado de aprendizagem.

Bossa (2007) destaca que, nas décadas de 1940 e 1960 na França, o trabalho do pedagogo era vinculado ao do primeiro Núcleo Psicopedagógico. O trabalho cooperativo entre clínica médica e o professor era oferecido à população que apresentava dificuldades escolares ou de comportamento, e, era iniciado com aqueles pacientes que apresentavam doenças crônicas como diabetes, tuberculoses, cegueira, surdez, ou problemas motores.

Segundo Kiguel (1987), a função da psicopedagogia implica cura e prevenção dos casos de dificuldades de aprendizagem. Quanto à sua função preventiva, o psicopedagogo desenvolve seu trabalho nas escolas com os professores na área de formação de cada um, para que o método educacional seja ajustado às capacidades dos alunos.

Já a função curativa, direciona-se às crianças e/ou aos adolescentes que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Dificuldades de Aprendizagem

O desenvolvimento de cada ser humano sofre influência do ambiente escolar, familiar e social. Embora, a maioria das dificuldades de aprendizagem tenha uma base biológica, o ambiente em que cada um é criado determina a gravidade do caso. As principais causas são, em geral, lesões e doenças cerebrais, falhas no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios neuroquímicos, hereditariedade e influências ambientais. Segundo Dockrell (2000), “o meio consiste no mundo externo físico e social da criança” (p.23)

Alguns tipos de lesões cerebrais surgem antes do parto devido ao uso de álcool, nicotina, substâncias psicoativas, uso de alguns medicamentos e doenças adquiridas durante a gestação e estão associados ao desenvolvimento de dificuldades de aprendizagem. Dockrell (2000) aponta que podem ocorrer de forma específica, como dificuldade em leitura, escrita, ou ocorrer de uma forma geral como lentidão no aprendizado em relação à normalidade. A autora enfatiza que é necessário realizar uma avaliação para identificar o problema. Portanto, com base nos resultados, é possível planejar um programa de intervenção específico.

Segundo Fonseca (1995), as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam características nos processos simbólicos como a fala, leitura, escrita, aritmética entre outros, podendo se relacionar com problemas de atenção, perceptivos, emocionais, memória, cognitivos, psicolinguísticos, psicomotores e motores. Por mais que se esforcem para aprender não conseguem, ficam desorientadas, passam a perder objetos, se atrapalham ao falar etc. Como consequência, o autor aponta que apresentam problemas de atenção uma vez que “dispersam-se com muita frequência sendo atraídas mais usualmente, por sinais distráteis. Por outro lado, não mantêm por mais tempo as funções de alerta e vigilância” (FONSECA, 1995, p.253) .

Intervenções Psicopedagógicas

Uma vez diagnosticada a dificuldade de aprendizagem, cabe à intervenção optar por medidas de atenção especializada que potencializem o processo de aprender. Segundo Rubinstein (1999 p.25), “Embora o psicopedagogo utilize-se de propostas de trabalho para mediar a relação terapêutica, as escolhas dessas propostas e as formas como são apresentadas dependerão da particularidade de cada situação, do sujeito que está sendo atendido”. Um instrumento que o psicopedagogo utiliza com uma pessoa pode não ser eficaz com outra. No entanto, não é o instrumento que provocará a mudança e sim o processo dinâmico entre terapeuta e cliente que alcançaram as mudanças desejadas.

Os recursos utilizados para intervenção tem o objetivo de integrar a necessidade e o desejo do sujeito. Assim, o psicopedagogo procura proporcionar a experiência em reconhecer o limite, superando os erros possibilitando a aprendizagem como forma de superação.

Weiss (1987) orienta que ao construir um diagnóstico psicopedagógico, é necessária uma prática com embasamento teórico para nortear a escolha das atividades e o instrumento. “O profissional precisa optar por uma conceituação de personalidade, de aprendizagem e do que entende como objeto dessa aprendizagem” (p. 80).

Weiss (1987 apud VISCA 1981, 1985) adota como referencial a proposta de Epistemologia Convergente em Psicopedagogia¹

Assim, segue a proposta do esquema sequencial Weiss (1987 apud Visca, 1985, p.92)

- Entrevista operativa centrada na aprendizagem – EOCA
- Testagem (segundo linhas definidas de investigação).
- Anamnese (aberta, situacional e segundo linhas definidas de investigação).
- Elaboração do informe (num primeiro momento visando organizar uma imagem do sujeito, para, posteriormente, formular por escrito as hipóteses a comprovar).
- Devolução da informação aos pais e/ou ao paciente (p.82).

¹ Um esquema conceitual que se configura em função da realização da assimilação recíproca das diversas contribuições que a Psicanálise, a Escola de Genebra e a Psicologia Social de Pichon-Riviére apresentam em relação ao processo de aprendizagem. A teoria e a prática do autor estão fundamentadas em uma perspectiva interacionista, construtivista e estruturalista (p. 81)

Como pode ser observado no esquema acima, se o procedimento for seguido corretamente poderá ajudar muito na compreensão do sujeito para uma eficaz intervenção psicopedagógica.

Aspectos Metodológicos e Resultados

Quanto à metodologia, o tipo de pesquisa apresenta caráter descritivo, pois trata de estudo mais detalhado que toma conhecimento da situação a partir dos efeitos que os investigados apresentam.

Conforme Gil (1994), a pesquisa descritiva visa a pesquisar e a obter diversos referenciais teóricos a fim de observar, armazenar e considerar os fenômenos do tema abordado de forma detalhada e sem interferência e manipulação do pesquisador.

Essa discussão, apresentada durante o estudo, é resultado de uma pesquisa bibliográfica, porque compreendeu uma revisão da literatura com recortes disponíveis sobre o tema, ou seja, um levantamento sistematizado de livros, artigos em revistas e periódicos, anais de congressos, teses, dissertações e outras publicações, visando a fundamentar teoricamente o trabalho e subsidiar a análise dos dados coletados, ou seja, tendo como base um material já elaborado.

Segundo Gil (1994 p. 48), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Trazendo a ideia de Ruiz (2002 p.58) “a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica”.

Espera-se que este tenha facilitado o entendimento sobre o tema e contribuído para maiores informações.

Segundo Youssef e Fernandez (1988), desde os tempos primitivos o homem preocupa-se com a ampliação de conhecimentos, bem como com sua capacidade de trabalho mental. Na busca da ampliação desse conhecimento deve se dedicar profundamente a análise de determinado estudo. Contudo, deve fazê-lo de forma ponderada de modo que seu empenho não o prejudique nas demais áreas de sua vida.

No entanto, a interação proporcionada pela psicopedagogia aplicada com base na ludoterapia é, sem dúvida, importante para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem tanto pessoal quanto profissional e para atuação em determinadas dificuldades encontradas no ambiente escolar. Oaklander (1980) não vê o comportamento da criança como patologia por mais desagradável que às vezes possa ser, mas sim como prova de força e sobrevivência o que reforça ainda mais a exploração do brincar para facilitar e superar as dificuldades encontradas.

A criança vai fazer aquilo que julgar melhor para vencer a empreitada do crescimento, entendendo que em algumas situações é afetada profundamente ainda que algo pareça ser insignificante. Diante do rico recurso oferecido pela Ludoterapia, é possível criar um ambiente favorável e que facilite o autoconhecimento e o autoconceito para promover a mudança no comportamento e facilitar a aprendizagem.

A escola é um dos espaços utilizados para propiciar o desenvolvimento global do ser humano através de propostas sólidas e eficazes de intervenção que resultem em perpetuação de conhecimentos e impacto social. O profissional Psicólogo e/ou Pedagogo tem um papel fundamental na integração da teia de relações e faz parte da equipe multiprofissional que envolve o processo ensino-aprendizagem, levando em conta o desenvolvimento global do estudante e da comunidade educativa.

As sessões psicopedagógicas que utilizam a ludoterapia são realizadas a partir de brincadeiras, do faz de conta, dos desenhos, aplicações de testes, conversas e observações, que facilitarão ao profissional acessar os conteúdos internos de cada um. Portanto, estando em situação de jogo, fica mais livre, sente-se bem e mais leve, conseguindo expor com mais facilidade o que está internalizado.

No desenho, a criança pode expressar as cores e formas dos afetos através da expressão plástica e desbloquear competências psicomotoras e cognitivas. Assim, o psicopedagogo proporciona um clima afetivo e um espaço seguro para se expressar livremente, ajudando a acompanhar e a descobrir novos significados nas dificuldades que se apresentam e passam a lidar melhor com seus medos e expressar seus conflitos internos.

O psicopedagogo, utilizando a ludoterapia, auxilia o reconhecimento das emoções e o

encontro de estratégias a serem seguidas, também ajuda a descobrir outras formas de pensar e ultrapassar dificuldades e facilita na melhoria da relação consigo e com os outros, dando uma oportunidade para crescer melhor.

Considerações Finais

Neste estudo foi apresentada a ludoterapia como instrumento em intervenções psicopedagógicas. Todo ele buscou informações, apontando seu surgimento e teorias que sustentam tais procedimentos bem como os fatores relevantes para sua aplicação. Levando em consideração que a ludoterapia é vista como instrumento e técnica aplicada, um ponto importante para o desenvolvimento infantil é a criação de vínculos afetivos e a socialização com outras crianças. Desse modo, ajuda no processo de aprendizagem, visto que os jogos e brincadeiras abrem espaço para a criança expressar melhor suas ideias e respeitar opiniões de outras crianças.

Procurou-se com este artigo, apontar uma reflexão de acompanhamento terapêutico que compreende a criança como um ser que experimenta o seu meio, e que a partir da experiência adquirida, encontra e constrói seu caminho dentro do processo terapêutico. Portanto, a ludoterapia é uma psicoterapia que merece um olhar diferenciado dentro do ambiente familiar e escolar. A experiência do brincar desperta não só a inteligência e reflexão como também o desenvolvimento humano facilitando a relação interpessoal e o desenvolvimento da criatividade.

Tendo em vista que o objeto de estudo do psicopedagogo é o processo de aprendizagem, neste caso, acredita-se e enfatiza-se que a ludoterapia é um recurso importante na intervenção frente às dificuldades de aprendizagem.

A partir deste estudo, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, sendo bem sugestivo um estudo de caso, que contribuirá para o aperfeiçoamento de acadêmicos, profissionais da educação e áreas afins, enfatizando a importância e eficácia da utilização da ludoterapia e suas possibilidades para o desenvolvimento da criança.

Concluindo, percebe-se que o trabalho do Psicopedagogo é pautado, especialmente, na criatividade e no conhecimento científico, para que se alcancem seus objetivos que são deixar agradável, eficaz, ativo o ambiente escolar e até mesmo resolver os problemas de aprendizagem.

Referências

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CÔRTEZ, Ana Rita Ferreira Braga; RAUSCH, Rita Buzzi (orientadora). O Estado do conhecimento acerca da psicopedagogia escolar no Brasil. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. FURB/SC, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3172_1632.pdf> Acessado; 11 de fevereiro de 2016.

DOCKRELL, Julie. **Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva** / trad. Andrea Negreda. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FONSECA, Vitor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem** / 2 ed.rev.aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed.São Paulo: Atlas, 1994.

GRASSI, Tânia Mara. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta**. Curitiba: Ibopec, 2009.

GRUNSPUN, Haim, **Psicoterapia lúdica de grupo com crianças**-revisão técnica Elisa Cavalcanti de Camargo. São Paulo: Atheneu, 1997.

KIGUEL, S.M. Abordagem psicopedagógica da aprendizagem. *In: SCOZ, B.J.L...* (et al.). **O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**: Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MEDEIROS, S. E. O. P. **Arteterapia de Crianças e Psicoterapia Infantil** (Ludoterapia), Semelhanças e Divergências. 2010. Universidade de São Marcos. São Paulo.

OAKLANDER, Violet, **Descobrimo Crianças**: abordagem gestaltica com crianças e adolescentes. / Violet Oasklander; (tradução de George Schlsinger: revisão científica da Ed. E direção da coleção de Paulo Eliezer F. de Barros). São Paulo: Summer, 1980.

RUIZ, J.A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

RUBISNSTEIN, Edith. "Da reeducação para a Psicopedagogia, um caminhar". *In*: RUBISNSTEIN, Edith (orgs.). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

WEISS, M.L.L.Considerações sobre a instrumentação do psicopedagogo no diagnóstico. *In*: SCOZ B.J.L...(et al.). **O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**: Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

YOUSSEF, Antonio Nicolau; FERNANDEZ, Vicente Paz. **Informática e Sociedade**. 2. ed. São Paulo: série Princípios, Ática, 1988.

Recebido em 14 de novembro de 2016.
Aprovado em 24 de novembro de 2016.